

A experiência homoafetiva masculina na adolescência a partir da análise da série *Sex Education*

Brena Hennemann Fritzen¹, Carine Redivo Bonchristiani², Rafaela Amaral Lange³, Sara Ludwig Moraes⁴

¹⁻⁴ Graduandas de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Resumo

Este trabalho teve como objetivo investigar a vivência da homoafetividade masculina durante a adolescência nos contextos de escola e família. Além disso, compreender os conflitos gerados pela heteronormatividade e homofobia na construção da identidade homoafetiva na adolescência, analisar a homonegatividade, descrever o *bullying* homofóbico no contexto escolar e identificar as possíveis reações familiares sobre a homoafetividade dos filhos a fim de entender as dificuldades e barreiras sociais que perpassam os sujeitos na descoberta, construção e revelação da homoafetividade na adolescência. Para isso, foi realizada uma observação analítica e crítica da série *Sex Education* (Netflix), relacionando cenas das duas temporadas da série e articulando a questão LGBTQIA+ com diversas pesquisas que abordaram a mesma temática. Concluiu-se, por meio da análise de dois personagens que apresentam relações homoafetivas na série, Eric e Adam, que a escola e a família são duas instituições as quais influenciam muito na construção da identidade de gênero e autoaceitação do sujeito. Além disso, a heteronormatividade presente na sociedade perpassa diversos âmbitos, como o *bullying*, as expectativas sociais relacionadas aos papéis de gênero e as relações de poder.

Palavras-chave: heteronormatividade, homoafetividade, homonegatividade, escola, família

Introdução

A adolescência é um período que envolve diversas transformações, e a palavra vem do latim *adolescere*, que significa crescer. De acordo com Formigli et al. (2000), citados por Schoen-Ferreira et al. (2010), ela tem início com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção do indivíduo na sociedade adulta, tanto no âmbito social como no profissional e econômico. Segundo Kalina e Laufer (1974), em concordância com a Organização Mundial da Saúde, é importante o entendimento dos conceitos de puberdade e adolescência como distintos. Os autores entendem a puberdade como os fenômenos fisiológicos, envolvendo as mudanças no corpo e hormonais, enquanto a adolescência aborda os componentes psicossociais do processo (Schoen-Ferreira et al., 2010).

Desse modo, mesmo que o estágio da adolescência seja considerado universal, é fundamental olharmos para a sua dependência de uma inserção cultural e histórica, a qual permite uma análise de variadas formas de viver essa fase (Schoen-Ferreira et al., 2010). Nesse sentido, o termo “adolescência construída”, de Ozella (2003) e Aguiar e Ozella (2008), nos traz a dimensão social da construção subjetiva de cada jovem. A partir disso, as experiências dos sujeitos de 12 a 18 anos, idade determinada pelo Estatuto da Criança e Adolescente para a fase que estamos tratando, devem ser vistas de maneira única dentro das possíveis construções de sentido de cada indivíduo (Marola et al., 2011).

Ademais, a emergência da sexualidade e a curiosidade a respeito do tema é uma característica muito presente na adolescência. Um estudo realizado por Carvalho e Melo (2019) procurou compreender como o tema é visto dentro dos diversos contextos familiares, e durante uma entrevista uma jovem relata o receio que o padrasto tem de que o filho seja influenciado por ideais homossexuais. A partir de então, ratificamos a noção de que as transformações vividas pelos adolescentes repercutem também em suas famílias (Schoen-Ferreira et al., 2010), fato que pode levar a conflitos dos mais variados. Ao longo deste artigo, traremos a discussão de alguns dos principais.

A partir do que foi exposto, a relevância do tema da sexualidade para a pesquisa se dá pela futura atuação das pesquisadoras como profissionais psicólogas onde essas questões irão emergir na prática profissional, independente do campo de atuação (escolar, clínico ou saúde, por exemplo).

Essa pesquisa analisou as duas temporadas da série “*Sex Education*”, tendo como enfoque dois personagens homossexuais e suas questões sociais, subjetivas e familiares. A escolha da série se deu por ser uma mídia de grande alcance no Brasil, que atinge muitos jovens da mesma faixa etária da própria série. De acordo com uma pesquisa realizada pela Netflix Brasil com 1 mil jovens de 16 a 25 anos, evidenciou-se que 69% dos jovens brasileiros assinantes gostam de assistir séries e filmes que tenham representatividade, ou seja, que tenham personagens parecidos com eles próprios. Tal pesquisa incluiu a série *Sex Education* como uma das preferidas do público dessa faixa etária (Netflix Brasil, 2020).

Além disso, a série aborda os diversos contextos em que os jovens estão inseridos: desde a família, contexto escolar, amizades e os seus conflitos individuais. O alcance da série evidencia a importância de discutir a sexualidade e a homofobia com responsabilidade, pois é uma mídia que permite o acesso à informação em ambientes onde não há abertura para tal discussão. Assim sendo, ao longo do presente trabalho serão abordadas as relações dos conflitos dos personagens para além da narrativa ficcional. Deste modo, este trabalho teve como objetivo principal investigar a vivência da homoafetividade masculina durante a adolescência nos contextos de escola e família. E como objetivos secundários, compreender os conflitos gerados pela heteronormatividade e homofobia na construção da identidade homoafetiva na adolescência, analisar a homonegatividade, descrever o *bullying* homofóbico no contexto escolar e identificar as possíveis reações familiares sobre a homoafetividade dos filhos a fim de entender as dificuldades e barreiras sociais que perpassam os sujeitos na descoberta, construção e revelação da homoafetividade na adolescência.

Gênero e Sexualidade

A sexualidade é um conceito dinâmico, que evolui junto a sociedade e que compreende diferentes significados, disputas políticas, erotismo, poder, ideias, emoções e experiências; o gênero, por sua vez, é um conceito formulado em 1970 por influência do movimento feminista, que busca evidenciar que as construções do ser homem e ser mulher são produto da sociedade, e não da anatomia dos corpos, dividindo então a dimensão biológica da social (Reis, 2018).

Tratando-se do tema do gênero e sexualidade, evidencia-se a importância de clarificar alguns conceitos relacionados ao tema: a diferenciação entre (a) sexo biológico, (b) orientação sexual, (c) identidade de gênero e (d) expressão sexual, buscando fugir de concepções binárias ou reducionistas. (a) O sexo biológico se refere aos órgãos, hormônios e cromossomos presentes em um indivíduo, podendo ser macho, fêmea ou intersexual. Dessa forma, não existe gênero no sexo biológico em si, mas sim uma expectativa social de gênero, de como a pessoa com tais características corporais deve agir (Reis, 2018); (b) A orientação sexual diz respeito à atração sexual, emocional ou afetiva por homens, mulheres ou por mais de um gênero. A orientação sexual se relaciona com uma identidade pessoal e social baseada nas suas atrações, de forma que os indivíduos acabam se aproximando de comunidades que compartilham da mesma orientação, com comportamentos semelhantes (Oliveira, 2010). De acordo com a Associação Americana de Psicologia (2008), as orientações sexuais mais conhecidas podem ser classificadas em três grupos: homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade (Oliveira, 2010). Porém, essas não são as únicas existentes, outras fontes trazem a assexualidade e a pansexualidade, por exemplo. A homossexualidade e a homoafetividade, porém, serão os focos desse trabalho: a primeira é entendida como atração pelo mesmo gênero, e a segunda é usada para descrever relações entre pessoas do mesmo gênero, um termo de maior complexidade, não sendo sinônimo de homossexual. (c) A identidade de gênero é a expressão interna de gênero do indivíduo, a percepção de si, que pode ou não corresponder ao seu sexo atribuído no nascimento. A identidade de gênero de um sujeito não necessariamente é

visível aos demais. (Reis, 2018). (d) A expressão de gênero, por sua vez, é composta dos marcadores físicos presentes na vestimenta, linguagem e comportamento de um indivíduo, que compõem a apresentação de si, visível publicamente, podendo corresponder ou não ao sexo biológico (Reis, 2018). Após essa apresentação sumária essencial para o entendimento do tema em análise, aprofundaremos a homossexualidade e homoafetividade, que serão o foco dessa pesquisa, além dos conceitos de heteronormatividade e homofobia, que perpassam os primeiros no contexto social.

Homossexualidade, homoafetividade, heteronormatividade e homofobia

Como já apontado, a homossexualidade é concebida como uma das três dimensões mais conhecidas da orientação sexual segundo a Associação Americana de Psicologia (2008). Sua origem remonta a um prefixo grego (“*homós*”), que corresponde a “o mesmo”, “igual” (Rojas, 2019); combinado a uma raiz latina (“*sexual*”); cuja junção serviu para indicar uma preferência erótica por pessoas do mesmo gênero (Carneiro, 2009 como citado em Oliveira, 2010).

Apesar do atual significado do termo “homossexualidade”, o conceito foi atribuído a diferentes sentidos ao longo dos séculos. Inicialmente considerada como uma perversão resultado de uma escolha (i)moral, a homossexualidade foi por séculos criminalizada. Já em 1869, calcado na literatura científica por Karoly Maria Kertbeny em correspondência com Karl Heinrich Ulrichs, o termo adentra no campo da ciência. Apesar de possuir uma intenção emancipatória, por buscar a transferência da homossexualidade do campo da ilegalidade para a ciência, este modelo de conhecimento culminou em uma visão patologizante da mesma (Oliveira, 2010). O histórico do conceito da homossexualidade — assim como das demais sexualidades não heterossexuais — foi marcado por sua sujeição ao ideal heteronormativo, colocando-o em uma posição de crime, anomalia biológica, desvio ou inversão da sexualidade normativa.

A psicanálise de Sigmund Freud também foi de grande influência para construção da noção de homossexualidade, sendo considerado por Oliveira (2010) um dos primeiros modelos de explicação da sexualidade. Ainda segundo o autor, apesar de permanecer vinculado à noção da heteronormatividade, a expansão do modelo impulsionada por Freud representou uma maior atenção à diversidade das experiências sexuais. A contribuição do psicanalista vai além, constituindo um marco nos estudos sobre a sexualidade. Segundo Weeks (2014) a visão contribuiu para a posterior despatologização da homossexualidade, já que via as chamadas “perversões” não como características exclusivas dos grupos até então considerados “desviantes”, mas como um atributo inerente à sexualidade de todas e todos.

Segundo Oliveira (2010), no decorrer dos últimos anos, mudanças significativas no entendimento da homossexualidade tomaram forma. A orientação sexual passou a assumir um importante foco dos estudos psicológicos da sexualidade humana. Até a década de 70, contudo, a ciência focava suas pesquisas sobre a homossexualidade predominantemente nos aspectos patológicos da mesma. Foi principalmente graças aos esforços por parte dos movimentos sociais gays e lésbicos e do movimento feminista, bem como dos profissionais da saúde mental, que este ideal hegemônico sofreu mudanças drásticas, como a remoção da homossexualidade da lista de transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria, em 1973. É fundamental pontuar, contudo, que apesar de positivas, tais mudanças ainda têm efeitos limitados. Mesmo que possamos afirmar um consenso de que a homossexualidade é uma manifestação natural, sendo a adoção de uma identidade gay ou lésbica considerada uma orientação viável e saudável, ainda é possível presenciar muito preconceito e desinformação (Oliveira, 2010), não só no âmbito social, mas infelizmente também nos âmbitos político e acadêmico. Como exemplo deste último e na mesma linha do que seguia a Associação Americana de Psiquiatria, temos o fato de que havia, dentro do Código de Ética da Psicologia, o tratamento da homossexualidade, o qual foi extinto apenas em 2003 com uma nova resolução do Conselho Federal de Psicologia (Amendola, 2014).

A partir das conquistas do movimento LGBTQIA+, os conceitos relacionados à orientação sexual ganharam cada vez mais complexidade, e abrangendo também a homoafetividade, que não se trata de um sinônimo de homossexualidade ou homoerotismo, mas sim da multiplicidade das relações afetivas, emocionais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo ou gênero. É um termo bastante usado no campo do direito, e não descreve as pessoas, mas sim as relações entre elas (Reis, 2018). Assim, o sujeito que experiencia relações afetivas ou sexuais com outra pessoa do mesmo gênero (relações homoafetivas) não necessariamente é homossexual.

É também fundamental para nossa análise a definição e contextualização dos conceitos de heteronormatividade e homofobia, sendo estes intrinsecamente relacionados um ao outro e ao conceito de homossexualidade. Para Santos e Dinis (2018), o termo heteronormatividade refere-se à exploração e crítica de normas tradicionais de sexualidade, identidade de gênero, papel social de gênero, entre outros. Possui também caráter descritivo, já que baseia-se em um sistema dicotômico de categorização, que vincula comportamento social e identidade ao tipo de genitália de cada um. Este paradigma reforça determinadas crenças de que existem fundamentos estritamente definidos de virilidade e feminilidade e comportamentos esperados tanto para homens quanto para mulheres, promovendo uma opressão sistemática de qualquer corpo, identidade ou comportamento dissidente da norma. Para Butler (2003 como citado em Teixeira et al., 2011) o conceito de homofobia é caracterizado como sentimentos de ódio, aversão e descrédito direcionados a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, menosprezando-os por não performarem seus gêneros de acordo com o papel social e cultural atribuído aos seus corpos biológicos. Entende-se homofobia, portanto, como um dispositivo regulatório da sexualidade que visa à manutenção da heteronormatividade.

A construção da identidade homossexual e as implicações da heteronormatividade e homofobia nos contextos familiar e escolar

É preciso, por fim, definir e contextualizar as experiências e conflitos que comumente perpassam a categoria de análise da homossexualidade. A construção da identidade homossexual é uma experiência vivenciada por todos os pertencentes do grupo, sendo comumente afluída ainda na adolescência ou juventude (Teixeira et al., 2012), a exemplo dos casos descritos no presente artigo. Para Teixeira et al. (2012), a identidade caracteriza-se como uma produção discursiva, que se vê atravessada por diversos marcadores sociais, como raça/etnia, gênero, escolaridade, classe e sexualidade. Ainda segundo os autores, uma identidade é uma marca não só para o sujeito que a assume, mas também para toda a sociedade, evidenciando seu caráter não só pessoal mas também político. Por esse motivo, se faz crucial a compreensão da interseccionalidade da homossexualidade com as demais categorias de análise. A experiência da construção da identidade homossexual é precedida pelo momento da descoberta da homossexualidade, sendo ambas atravessadas por influências heteronormativas advindas da sociedade em que o sujeito está inserido, com destaque para o núcleo familiar e o contexto escolar.

Assumir a orientação homossexual na adolescência atravessa diversos fatores, como eventos pessoais, histórias de vida, ciclo social, familiar e escolar. A família é responsável pelas primeiras trocas afetivo-emocionais, e pode possibilitar os primeiros passos no reconhecimento de diferenças e na construção individual da identidade (Lima Silva et al., 2015). A escola, por sua vez, é um importante espaço de socialização e circulação de crenças e valores, cujos discursos impactam o desenvolvimento dos sujeitos (Rojas, 2019).

Na contemporaneidade existe uma diversidade de configurações familiares no que diz respeito a filiação, conjugalidade, parentalidade e pertencimento (Teixeira et al., 2012), podendo ser identificadas, segundo Lima Silva et al. (2015) como famílias monoparentais, famílias ampliadas, famílias reconstituídas, famílias homossexuais, entre outras (Feijó, 2008). Levando isso em consideração, a família pode ser considerada como um grupo de pessoas que convivem e relacionam-se, de forma que constroem entre si laços de

afinidade, o que não necessariamente diz respeito a consanguinidade ou parentesco (Cervený, 2011).

A construção da identidade no período da adolescência é, portanto, atravessada por diferentes marcadores sociais, culturais, históricos e familiares, e não representa uma marca pessoal apenas para o sujeito, mas também para a sociedade, o que recrudesce a responsabilidade, pressão e julgamento sofridos pelo adolescente. Nem sempre assumir a orientação sexual representa uma libertação completa, já que a cada novo contexto adentrado, cada novo laço social criado, a cada novo encontro, novas barreiras são construídas, que exigem do indivíduo homossexual um reajuste dos seus mecanismos de enfrentamento, o que pode causar sofrimento (Sedgwick, 2007, citado por Teixeira et al., 2012). A reação da família no momento de revelação é um fator importante para definir como o indivíduo irá caminhar no meio afetivo-sexual, estruturar sua identidade de gênero e sua autoaceitação (Lima Silva et al., 2015). Para alguns pais, por exemplo, a atividade sexual homoerótica é vista como algo passageiro, o que pode aumentar os sentimentos de inadequação e isolamento de seus filhos (Teixeira et al., 2012).

De acordo com o Teixeira et al. (2012), o processo de assumir a homossexualidade perpassa diversas fases, sendo que a primeira corresponde à infância e adolescência. Nesse momento, existe grande necessidade de pertencimento a um grupo de pessoas semelhantes, e os movimentos de aproximação, afastamento e comparação ao outro são constantes. A percepção da diferença entre o indivíduo homossexual e seus amigos para com a orientação sexual, pode levar a um certo estranhamento e negação dos seus sentimentos e atração sexual, internalizando uma culpa ou inferioridade por se sentirem dessa maneira (homonegatividade) (Teixeira et al., 2012).

É quase uma unanimidade que a família de origem tem um peso muito grande no processo de autoaceitação do filho que assume sua orientação homossexual (Teixeira et al., 2012; Lima Silva et al., 2015). Fatores como a religião, o nível de escolaridade dos pais, maneira como foi descoberta a orientação homoafetiva dos filhos (direta ou indiretamente), idade dos pais e idade dos filhos influenciam na reação dos pais no momento de revelação

dos filhos (Teixeira et al., 2012). Os pais cuja religião (católica e/ou evangélica) assumem papel preponderante em suas vidas parecem resistir mais nessa elaboração (Modesto, 2008, citado por Teixeira et al., 2012). Além disso, pesquisas realizadas por Savin-Williams (1996, 1998, 2001) demonstram que pais e filhos com relações positivas construídas antes da revelação parecem compreender e resolver o processo de aceitação (Teixeira et al., 2012).

O contexto escolar, como citado anteriormente, é um importante agente de desenvolvimento do sujeito assim como a família. A maioria das crianças e adolescentes passam grande parte dos seus dias na escola, onde socializam, aprendem, estruturam seus valores e crenças, e desenvolvem seu autoconceito e identidade. Assim, a dificuldade do adolescente em aceitar sua identidade homossexual também pode ter como influência a escola.

A heteronormatividade, por exemplo, é uma ideologia de opressão estrutural que se encontra presente em diferentes espaços e instituições onde, a partir das relações ali estabelecidas, constitui subjetividades e impacta na descoberta da orientação sexual. De acordo com Foucault (1999), a escola é uma instituição que ensina, disciplina e normatiza valores socioculturais. Para além do aprendizado das matérias científicas, Rojas (2019) aponta para o “currículo oculto” preconizado pela instituição; por meio dele, a escola reproduz e naturaliza discursos e atitudes construindo sujeitos que preservam a ordem normativa social, como o racismo, sexismo e a heteronormatividade. Os alunos “desviantes da norma” tornam-se alvo de uma pedagogia que nega a diferença e violenta corpos e formas de ser e estar no mundo.

A maioria dos alunos homossexuais são alvos de insultos, agressões físicas e verbais, discriminações praticadas por outros colegas, professores e gestores. Quando esses últimos não são os agentes diretos da violência, a reforçam ao omitirem-se - um ato homofóbico, visto que se silenciam diante daqueles que deveriam proteger. Teixeira et al. (2011) sinalizam as consequências geradas pela homofobia na construção da identidade

homossexual, como isolamento social e afetivo dos alunos que a sofrem, a desvalorização a respeito de si mesmo e até mesmo ideação e tentativa de suicídio.

Diante desse quadro, a violência escolar e o *bullying* vem sendo tema de debate na agenda educacional. Questões vinculadas a racismo, deficiência e orientação sexual ganham atenção, tendo em vista que as discriminações no ambiente escolar entram em conflito com o papel da educação na promoção de direitos humanos e na formação de cidadãos conscientes e empáticos à pluralidade e diversidade (Rojas, 2019). Somado a isso, as discussões sobre as questões relativas à orientação sexual, identidade e expressão de gênero, urgentes na contemporaneidade, tornam-se cada vez mais presentes nos espaços midiáticos, influenciados pela luta do movimento LGBTQ+ por representatividade. Essa temática é demonstrada na série “*Sex Education*”, produzida e distribuída pela Netflix, que aborda temas como educação sexual, a descoberta da sexualidade, a diversidade sexual e as suas implicações na subjetividade durante a adolescência. Tendo em vista que os principais eventos do seriado decorrem no espaço escolar, ressalta-se a importância de pensar a escola enquanto um contexto significativo de socialização nessa fase da vida, onde emergem diversos conflitos envolvendo os personagens, como a questão da homofobia.

Método

Descrição do material utilizado para análise

Para a realização deste artigo foi utilizada como objeto de análise a série “*Sex Education*”, lançada em 11 de janeiro de 2019 sob a direção de Laurie Nunn. O seriado retrata a vida de diversos adolescentes, entre eles Eric e Adam, que frequentam uma escola no Reino Unido. A trama traz tópicos relevantes para reflexão como sexualidade, gênero, orientação sexual, preconceito, conflitos familiares e, além disso, retrata a escola como um importante local em que os adolescentes compartilham e vivenciam todas essas temáticas.

Participantes

Os participantes em análise serão Eric Effiong e Adam Groff, ambos adolescentes, cursando o ensino médio na mesma escola, possuem por volta de 16 anos. Eric é negro, magro, altura mediana, de origem nigeriana, cisgênero, homossexual assumido, usa roupas extravagantes e coloridas. A personalidade de Eric é alegre, amigável, extrovertida e otimista. Sua família nuclear é composta pelo seu pai, sua mãe e três irmãs. A família é religiosa e vai semanalmente à igreja; Eric frequenta esse espaço junto à família, porém não se vê representado nele. A condição financeira da família de Eric parece ser média-baixa. Adam, por sua vez, é branco, alto, de origem inglesa, magro, cisgênero e num primeiro momento da série manteve uma relação heteroafetiva com outra personagem. Num segundo momento, Adam demonstra ter atração pelo gênero masculino, e só no final da Segunda Temporada da série o personagem diz que é bissexual. Por isso, nessa pesquisa, trataremos ele como um sujeito que experiencia relações homoafetivas, e então não se enquadra na heteronormatividade. Adam usa roupas comuns, com cores discretas, é quieto, ri pouco e demonstra agressividade com vários alunos do colégio. Ele é filho único do diretor da escola onde estudam, o Sr. Groff, um homem exigente e rígido. Sua família nuclear é composta pelo seu pai e sua mãe. A condição financeira da família de Adam parece ser média-alta.

Procedimentos

Para realizar a análise da série, foram criadas três categorias de comportamento a partir da fundamentação teórica baseada no tema central da descoberta da sexualidade na adolescência. A análise ocorreu a partir do método de observação não participante, ou também conhecida como observação simples, que, segundo Gil (2008), é aquela em que os pesquisadores têm o papel de espectadores do objeto a ser observado. Todas as autoras assistiram às duas temporadas da série, e a análise se deu a partir da seleção de cenas consideradas relevantes para relacionar com a discussão que se propõe.

Categorias de comportamento

A homonegatividade nas vivências de homens homoafetivos: A homonegatividade é o comportamento de negação, repressão e estranhamento à atração sexual sentida por sujeitos do mesmo gênero; a busca em ajustar-se à sexualidade e performance socialmente definidas como masculinas pela heteronormatividade. Ela impacta na construção da identidade do sujeito em seu processo de descoberta da homoafetividade, como também reverbera na dificuldade de desenvolver relações sociais ao longo de sua vida (Teixeira et al., 2012). Implica na internalização de uma culpa ou inferioridade por vivenciar sentimentos que destoam da norma. Em razão disso, alguns sujeitos homoafetivos sob o impacto da homonegatividade sentem-se obrigados a agradar os outros, por medo da rejeição em função de seus desejos homoeróticos. Esses sentimentos podem se manifestar na forma de comportamentos como: aversão a comentários sobre homossexualidade, performar a masculinidade de acordo com o padrão heteronormativo; estar em relações heterossexuais, ainda que gere desconforto por ser contra seus desejos sexuais.

Bullying homofóbico no contexto escolar: O *bullying* é caracterizado pela prática de atos violentos, de maneira intencional e repetida. Na escola, a homofobia pode ser considerada um tipo de *bullying*. Caracteriza-se pela aversão e rejeição à orientação homossexual através da manifestação de comportamentos violentos, hostis e agressivos ao sujeito homoafetivo, seja no âmbito físico, psicológico ou verbal. Tais indicadores de agressividade incluem: a) falar em tom alto, forte e ríspido com o outro; b) usar de violência física, como empurrões ou tapas; c) apontar o dedo; d) usar palavras de baixo calão; e) explorar ou coagir alguém de fazer algo que não gostaria; f) expressões faciais como franzir o cenho, cerrar a boca ou olhar de forma intimidadora. Ressalta-se que o *bullying* e a homofobia no contexto escolar são atravessados pelo papel da escola como instituição de controle e manutenção da norma social heteronormativa.

Reações familiares à sexualidade dos filhos: Sendo a família uma instituição social que reproduz a ordem normativa vigente, as relações nela desenvolvidas são permeadas pelos ideais heteronormativos. Tais ideais influenciam a forma como os familiares lidam e relacionam-se com a sexualidade dos seus filhos, demonstrando comportamentos que podem ter indicativos de aceitação ou rejeição. Os indicativos de aceitação incluem: a compreensão da orientação sexual como parte intrínseca da identidade do sujeito; acolhimento à expressão de gênero e orientação sexual, demonstrando apoio e afeto. Indicativos de rejeição incluem: negação, distanciamento, violência (física, psicológica ou verbal) e demonstração dos demais comportamentos já citados na categoria acima.

Resultados e discussão

De acordo com o tema levantado neste artigo, a sexualidade na adolescência com foco na experiência homoafetiva masculina, e em consonância com os objetivos propostos, foram analisadas e discutidas cenas da série '*Sex Education*' a fim de ilustrar os possíveis conflitos decorrentes da heteronormatividade que influenciam a construção da subjetividade e da identidade dos personagens Eric e Adam, compreendendo as relações desta com o contexto familiar e escolar. A análise das cenas foi separada de acordo com as categorias elucidadas no método.

A homonegatividade nas vivências de homens homoafetivos

De acordo com os elementos trazidos na discussão teórica, a heteronormatividade está presente nas relações sociais de diferentes formas e influencia a construção da subjetividade dos sujeitos por meio de diferentes dispositivos, sendo a homonegatividade um deles. Faz-se importante pontuar que a literatura traz diferentes definições para o conceito de homonegatividade. O presente trabalho irá trabalhar com a descrição apresentada por Teixeira et al. (2012). A homonegatividade pode ser compreendida como um conjunto de atitudes, sentimentos e comportamentos que dizem respeito à negação e

repressão da sexualidade homoafetiva e da performance de gênero que destoa do ideal heteronormativo esperado pela sociedade. A internalização da culpa por apresentar sentimentos e comportamentos que “desviam” da norma social, levam alguns indivíduos a terem atitudes que agradam aos outros, mesmo que isso cause desconforto e sofrimento pessoal, para serem aceitos.

Em ‘*Sex Education*’, as trajetórias dos personagens Eric e Adam demonstram como a homonegatividade é um conjunto de atitudes, crenças, sentimentos e comportamentos que se manifesta de forma singular na experiência de cada sujeito. Apesar de ambos os personagens viverem conflitos internos de autoaceitação, Eric e Adam experienciam a homonegatividade de forma diferente. Observar como ela se desenvolve em cada narrativa demonstra como o processo de autoaceitação é complexo, diverso e singular em cada trajetória (Costa et al., 2001) Tais aspectos podem ser observados nas cenas trazidas a seguir, fragmentos que apontam a presença da homonegatividade no desenvolvimento dos personagens.

Eric

Eric tem sua trajetória ao longo da série atravessada por episódios de homofobia e preconceito. Sendo um dos dois únicos homossexuais assumidos da escola onde estuda, ele enfrentou desde cedo os discursos discriminatórios da sociedade heteronormativa. O episódio 5 da 1ª temporada narra uma dessas vivências. É o dia do aniversário de Eric, ele havia combinado com Otis, seu melhor amigo, de assistirem juntos a um filme que ambos gostam muito, “*Hedwig: Rock, Amor e Traição*”. A dupla tem a tradição de vestirem-se de cosplays das personagens, sendo assim, eles saem de casa vestidos com perucas, com roupas estampadas e brilhantes, acessórios e maquiagem colorida. Antes de sair de casa, o pai de Eric adverte o filho que não seria seguro sair de casa vestido dessa forma, mas Eric diz que está acompanhado de seu amigo e nada aconteceria a ele. Contudo, Otis atrasa-se e Eric entra sozinho no ônibus para dirigir-se ao local combinado. O atraso de Otis deixa Eric desconfortável. Ele senta-se na rodoviária encarando a circulação de pessoas, que

dirigem olhares de reprovação às roupas de Eric. As horas passam e Eric liga muitas vezes ao amigo, até Otis cancelar o evento. Eric tem seus pertences pessoais (celular, documentos e dinheiro) furtados e decide retornar a pé para casa. Já era noite quando, no caminho, em uma estrada pouco iluminada, um grupo de jovens em um carro o veem, reduzem a velocidade e dirigem frases homofóbicas a Eric “*Você é homem ou mulher? Me mostre seu pênis, mulher. Gay nojento*”. Eric pede para o deixarem em paz, recolhe seus ombros e segue em frente, mas o grupo o intercepta, para o carro e caminham em direção a ele. Eric busca se justificar: “*por favor, isto é uma fantasia, eu não sou assim, eu iria ver um filme com um amigo...*”, e um dos homens o espanca, cospe nele, enquanto o outro ri. O grupo entra no carro e deixa Eric sozinho na estrada, ele continua a caminhar até encontrar um grupo de pessoas que o oferece ajuda. Ele pega um celular emprestado e telefona para a mãe de Otis, que o busca. Ele vai a casa de Otis, onde tem uma discussão com o amigo e volta para casa. Ao chegar, o pai de Eric fala: “*se você quiser viver desse jeito, terá de ser mais forte*”. Eric vai a seu quarto, deita em sua cama e começa a chorar.

A cena da agressão demonstra como a heteronormatividade e a homofobia estão imbricadas nas relações sociais. Historicamente, os corpos foram submetidos ao ideal heteronormativo, um ideal hegemônico que constrói e impõe um padrão de comportamentos sociais à sexualidade e às identidades de gênero, delimitando de forma binária o que é esperado da masculinidade e da feminilidade (Santos & Dinis, 2018). Toda expressão de identidade, sexualidade e comportamentos (como a forma de agir no mundo, de falar, de expressar-se através do vestuário) que sejam diferentes daquilo esperado por tal ideologia é visto como “desviante” pela sociedade. Segundo Teixeira (2011), a heteronormatividade, combinada com a homofobia — a aversão e ódio à homoafetividade — gera implicações diretas na constituição da identidade e subjetividade dos sujeitos homoafetivos, como é possível analisar na história de Eric.

Esse episódio de violência marca a trajetória do personagem e gera impactos psicoemocionais significativos para ele, como a manifestação do comportamento de homonegatividade. Ao longo das próximas cenas, os comportamentos de Eric caminham

em direção a buscar performar atitudes socialmente definidas como masculinas pela heteronormatividade, negando e reprimindo sua identidade autêntica que não se encaixa no padrão heteronormativo. Suas mudanças são perceptíveis nos diferentes contextos em que vive, na escola, no ambiente familiar e nos espaços sociais que frequenta, como na igreja protestante.

Nos dias seguintes à agressão sofrida, Eric muda seu estilo e vestuário. Ele abdica das roupas coloridas, estampadas; passa a usar camiseta branca, casacos em tons fechados, roupas lidas como “neutras” pela sociedade, dentro do padrão masculino esperado. Sua família, acostumada ao seu estilo colorido, estranha seu novo vestuário. Eric isola-se de seus amigos, afasta-se de Otis, e torna-se mais recluso. Na escola, seu comportamento passa a ser mais reativo e agressivo. Dois momentos ilustram isso: quando a banda da escola, da qual Eric é integrante, decide retirá-lo da equipe, ele discute com seu professor e diz: *“pare de tentar ser descolado. Você é uma tragédia.”* O professor responde: *“não gostei do seu tom. Eric, volte aqui”*. Eric desvia do professor e fala em tom alto: *“não toca em mim, porra!”*. Eric sai da sala de música irritado, com o cenho franzido e fecha a porta com força. No corredor da escola, passa por Anwar, um garoto gay popular da escola, que comumente faz *bullying* com Eric e diz: *“O que houve com ‘Saxopinto’? Acho que está apostando no visual ‘presidiário chique’”*. Eric pausa, franze o cenho, volta e agride Anwar. Ao ver o sangue escorrer pelo rosto do garoto, Eric olha assustado para os demais colegas e sai apressado da escola. Após esse episódio, ele pega detenção e seu pai o busca na escola. No carro, a caminho de casa, seu pai questiona seu comportamento. Eric responde, chorando: *“só estou cansado de todos me tratarem... como lixo.”*

— É como todos nos sentimos. Mas não pode sair batendo nas pessoas. — diz o pai, decepcionado.

— Você falou para eu ser mais forte — afirma Eric.

— Mas, não assim. Que tipo de homem você quer ser? — pergunta o homem.

— Que tipo de homem você quer que eu seja, pai? — questiona Eric, confuso.

Eric sai do carro e bate a porta com força.

A forma como Eric reage ao trauma da dor e da agressão demonstra como a construção da sua identidade é atravessada e influenciada pela ideologia heteronormativa. Nas referidas cenas, é possível observar a homonegatividade de Eric. Após uma experiência traumática, o personagem age na busca de ser aceito e estar de acordo às expectativas que os outros tecem sobre ele, abdicando de si mesmo, através da repressão de sua personalidade alegre, extrovertida, para poder ser “forte” e “viril”. Como apontam Teixeira et al. (2012), esse movimento de negar sua orientação sexual e ajustar-se à performance de gênero esperada, fruto da violência da heteronormatividade, repercute nas relações sociais vividas pelo sujeito e dificulta o desenvolvimento de vínculos sociais - a dor e rejeição internalizada leva Eric a agredir (verbal e fisicamente) e a isolar-se das pessoas ao seu redor. Assim sendo, a homonegatividade afeta a forma como o sujeito relaciona-se consigo mesmo e com o mundo.

Esse comportamento de Eric transforma-se após um encontro que foi significativo em sua trajetória de autoaceitação, narrado no episódio 07 da primeira temporada. Eric está caminhando na rua, segurando compras na mão após voltar do mercado. Um carro para e o motorista pede informação a ele, perguntando sobre o caminho a uma cidade. Eric começa a dar as informações e ao se aproximar do motorista e observá-lo, Eric hesita. O motorista é um homem negro, cristão (toca ao fundo uma música gospel), que se veste fora do padrão heteronormativo: veste um casaco estampado e colorido, tem unhas coloridas em um azul brilhante, usa brincos longos. Eric sorri ao ver o homem e comenta que suas unhas são muito bonitas. O homem agradece, diz a Eric para apostar em cores de pedras preciosas e segue o caminho. Eric sorri. É a primeira vez que o personagem tem contato com alguém que vive como ele gostaria de viver: livre das amarras heteronormativas. Isso vai ao encontro de um elemento trazido por Teixeira et al. (2012). A experiência de aceitar e assumir a identidade homossexual tem um caráter político, isto é, impacta não só a vivência do sujeito que a assume, mas reverbera na sociedade. Nesse sentido, o processo de se aceitar e assumir sua identidade, sobretudo na fase adolescente, perpassa a necessidade de pertencer a um grupo semelhante e ver-se representado.

Adam

Como já mencionado, a homonegatividade se expressa de diferentes formas a depender do sujeito. Ao contrário de Eric, Adam ainda experencia o processo de descoberta e aceitação de sua sexualidade, o qual se vê atravessado por diversas influências da sociedade heteronormativa.

No início, Adam apresenta-se ao espectador como um adolescente que performa a masculinidade dentro do padrão heteronormativo, dentro daquilo que sua família, sobretudo seu pai, espera, pressiona e exige. No decorrer da narrativa, contudo, as cenas apresentam as camadas de vulnerabilidade, dúvidas e angústias do personagem.

Ao longo da trama, Adam se vê tendo sentimentos e desejos que não aceita. Seu processo de descoberta da homoafetividade é permeado por preconceitos e negações, como explicitado em uma cena em que o personagem se masturba olhando para um pôster de filme. No pôster, entre carros e explosões, é possível notar duas figuras destacadas, a de um homem musculoso exibindo o abdômen e a de uma mulher posando com um decote avantajado e seios fartos. A cena inicia com Adam mantendo o olhar fixo na figura da mulher, enquanto se masturba. Passados alguns segundos, os olhos do garoto correm para a figura do homem. Em seguida, Adam mexe a cabeça de um lado ao outro, de maneira a demonstrar “não”, e retorna o olhar para a figura da mulher, enquanto passa a mexer a cabeça para cima e para baixo de modo a demonstrar “sim”. Adam novamente cede para a figura masculina, e a cena prossegue com um vai-e-vem do olhar. Por fim, mesmo com os olhos correndo de um lado a outro do pôster, Adam ejacula enquanto seu olhar está sobre a figura masculina.

É evidente que, mesmo em momentos tão íntimos e naturais, o personagem vivencia conflitos internos proporcionados por preconceitos enraizados, os quais são derivados da sociedade em que vive. Tais conflitos acabam por influenciar diretamente nas vivências do garoto, não só em experiências particulares, como o caso da masturbação, mas também na maneira que Adam se relaciona com os outros. Um exemplo deste último

caso é o modo como se relaciona com os pais e com Eric, com quem, nos episódios iniciais, tem uma relação conturbada marcada pelo *bullying*, mas que se modifica ao fim da primeira temporada, quando Adam revela sentir-se atraído por Eric. Ao longo da segunda temporada, a relação entre eles ganha novo contorno e ambos vivem conflitos sobre aceitar, assumir e expor abertamente seus sentimentos.

Assim que retorna à cidade, Adam convida Eric para passearem pelas ruas à noite. Após alguns encontros, Eric estranha o fato de Adam o chamar apenas nos momentos noturnos e irem a locais desocupados. Após envolver-se com Rahim, um garoto que recentemente se mudou para a cidade e demonstra afeto e interesse por Eric, ele deixa de sair com Adam. O conflito do relacionamento entre esses personagens é evidenciado em uma cena de diálogo entre eles no episódio 6 da segunda temporada.

Adam e Eric encontram-se em uma festa na casa de Otis. Ao avistar Eric, Adam retira-se do local, mas Eric o alcança e o chama para conversar. Eles conversam no jardim, durante a noite, o ambiente está escuro e iluminado pela luz de uma lâmparina. De costas a Eric, Adam diz: “*Você parou de ir à janela*”. Eric confirma. Adam franze a testa, os lábios curvam-se para baixo, como um possível indicativo de tristeza, e desvia o olhar. Com a voz embargada, questiona: “*O que eu fiz de errado?*”.

Eric hesita.

— *Você fez bullying comigo por anos, Adam. Me fez sentir inseguro por anos. Você foi um dos principais motivos de eu me maltratar. E eu devo acreditar que você mudou de repente? Você é cheio de vergonha, cara, e eu não posso mais passar por isso. Tive que me esforçar muito para me amar e não voltarei a esconder quem eu sou.* — responde Eric em um tom de voz ríspido

— *Eu tenho medo. Eu acho que sou bissexual.* — conta Adam, confuso.

Eric desvia o olhar, fecha os olhos, respira fundo e volta a olhar para Adam. Se aproxima dele, pega em sua mão e diz: “*Você está bem?*”

Adam afasta a mão de Eric, franze o cenho e olha ao redor (certificando-se de que ninguém os viu).

— Você não consegue nem segurar minha mão. Rahim consegue segurar minha mão. — diz Eric, decepcionado.

— Eu sinto que todos me odeiam — diz Adam, com tom de voz embargado.

— É difícil gostar de alguém que não gosta de si mesmo — afirma Eric.

Eric retira-se do local.

A identidade de Adam e a maneira como ele a performa, negando e buscando esconder sua atração por pessoas do mesmo gênero, é permeada pela rejeição que sofre em suas relações interpessoais, de seus pais e colegas, com quem tem dificuldade de construir vínculos. Essa rejeição impacta diretamente a forma como ele se vê e aceita. Ao longo de toda sua história de vida, Adam internalizou a culpa e a rejeição de não atingir as expectativas familiares e sociais exigidas dele. Como apontam Teixeira et al. (2012), a internalização desses sentimentos leva o sujeito a ter comportamentos de agressividade que podem se manifestar por meio de diferentes formas, como na aversão a comentários sobre homossexualidade e no *bullying* com outros colegas. A partir do diálogo entre eles, é possível pensar como o processo de autoaceitação envolve sentir-se acolhido pelo ambiente, pelas pessoas ao redor; como também, a aceitação social é influenciada pela forma como o próprio sujeito se vê e se respeita.

A trajetória do relacionamento desses personagens evidencia o quão profundas são as marcas e as feridas deixadas pelo padrão heteronormativo. Esse sistema opressivo constrói uma discriminação estrutural e manifesta-se nas microrelações, impactando como o sujeito percebe seus afetos por si e pelo Outro. Mesmo nutrindo carinho e afeto por Eric, Adam atravessa um percurso de aceitação marcado pela angústia, dúvidas e pela dificuldade de expressar seus sentimentos. A presença da homonegatividade nesse processo é um reflexo do quão arraigadas são as concepções de inadequação e culpa construídas pela lógica heteronormativa. Tendo isso em vista, o sofrimento psíquico desse personagem que se descobre LGBTQIA+ tem raízes em uma estrutura social discriminatória que nega a existência de outras formas de amar e de se relacionar que não a heterossexual. Essa estrutura social inclusive reverbera nos próprios comportamentos do

personagem, que praticava *bullying* com Eric, personagem com o qual Adam vive um relacionamento. Dessa forma, a partir dos relatos, observa-se que a homonegatividade se manifesta na relação do sujeito com a sociedade, estando também presente nos momentos mais íntimos, de construção da identidade.

Reações familiares à sexualidade dos filhos

Eric

Para Lima Silva et al. (2015), como citado anteriormente, a família é responsável pelas primeiras trocas afetivo-emocionais, e pode possibilitar os primeiros passos no reconhecimento de diferenças e na construção individual da identidade. Por isso, assume importante papel na construção da autoconfiança e autoaceitação do sujeito em relação a sua identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero.

Nesse sentido, o personagem Eric, como descrito nos tópicos acima, manifestou, em certo momento da trama, um comportamento de negação e repressão à sua orientação sexual e expressão de gênero, a chamada homonegatividade. No episódio 7 da temporada 1, acontece o baile da escola, e Eric decide voltar a vestir-se “como si mesmo”, escolhendo usar um turbante verde alto, um terno colorido com estampa de cobra, um batom prateado, que se destaca em sua pele, e uma sombra cintilante, que cobre toda a sua pálpebra até as sobrancelhas. Eric desce as escadas de sua casa, pronto para sair, e para em frente a porta da sala, onde se encontram seu pai, sua mãe e as três irmãs sentados no sofá, assistindo TV. Eric diz: “*estou indo ao baile*”, o que faz com que todos que estão presentes na sala de estar olhem fixamente para ele. A reação dos cinco é de surpresa, com as sobrancelhas levantadas, olhos levemente arregalados e boca semiaberta. Eric vira seu corpo em direção a porta de saída de casa, e começa a caminhar. O pai de Eric, demonstrando preocupação, pois está tenso e com os olhos arregalados, se oferece para dar uma carona, com a intenção de proteger o filho.

A cena é cortada para uma imagem da escola, mostrando a estrada que chega na entrada da instituição. A estrada é reta, com arbustos nas laterais, e termina na escadaria

de entrada. Adam está sentado em um dos degraus da escadaria, fumando um cigarro. A escola está decorada com diversas luzes rosa e azul na sua fachada, e um caminho ornamentado com cordões luminosos acompanha os estudantes até a porta. Eric e seu pai, que está dirigindo, chegam na rua da escola e estacionam atrás de um carro que está parado, porém ainda ligado já que o farol está aceso. A maneira como o pai de Eric estaciona, na diagonal, não permite a passagem de nenhum outro veículo, nem para entrar, nem para sair.

Eric desce do carro de forma determinada, com os ombros alinhados de forma segura, e rapidamente caminha em direção a entrada da escola, que se encontra há mais ou menos 500 metros de onde estão. Adam, que está sentado no degrau da escada de entrada, olha para Eric surpreso, com os olhos levemente arregalados, reação provavelmente relacionada com as roupas do personagem. O pai de Eric desce do carro e pergunta duas vezes se o filho tem certeza que deseja entrar vestido daquela forma, buscando proteger o filho de forma inadequada, pois o que Eric entende é a sua desaprovação. O carro impossibilitado de sair da rua da escola buzina para os dois, e o pai de Eric fala em tom alto, porém com gentileza, que será só um momento. O pai de Eric conta a ele que, quando chegou no país em que estão, teve que se esforçar muito para se encaixar nos padrões da sociedade, e que não queria o mesmo para os seus filhos. Queria que Eric fosse orgulhoso e forte, mas ele é tão diferente que faz ele temer pelo filho. Enquanto o pai de Eric fala, Eric se mostra inquieto, pois se mexe de um lado para o outro, e bate os braços na lateral do corpo. Eric diz que o medo do pai não ajuda ele, pois só o faz sentir fraco. O diálogo anterior demonstra o quanto a família de Eric é comedida, para conseguirem se adequar às normas sociais do local onde vivem e evitarem julgamentos. Em outros momentos da série, é explícito que a família de Eric vai à igreja toda semana, e os comportamentos, vestimentas e diálogos dos pais são bastante conservadores. Eric, portanto, traz esse incômodo ao pai, por se demonstrar diferente das normas as quais a família busca se adequar. Na cena em questão, na entrada do baile, segue o seguinte diálogo:

— Por que você tem que ser tanto? – pergunta o pai de Eric.

— Esse sou eu – responde Eric.

— Não quero que se machuque – diz o pai, preocupado.

— Vou me machucar de qualquer jeito. Não é melhor ser quem eu sou?

Nesse momento o homem do carro que havia buzinado anteriormente, o faz mais uma vez, e o pai de Eric grita, com veemência, “*eu te falei para esperar!*”. Eric arregala os olhos, olhando fixamente para seu pai, que diz “*eu acabei de gritar para aquele homem!*”, Eric responde, rindo, “*sim, você gritou*”. Seu pai, com brilho nos olhos, diz: “*talvez eu esteja aprendendo com meu filho corajoso*”. Os dois se olham com brilho nos olhos, Eric está sorrindo, seu pai também sorri, mas com menos intensidade. Os dois se abraçam, depois se olham por alguns segundos. Adam, que permanece sentado na mesma posição, há uns 100 metros de distância, olha para os dois com lágrimas nos olhos, expressão séria, boca fechada, provavelmente frustrado por não ter uma relação de aceitação com seu pai. Eric então vira seu corpo para a entrada da escola e começa a caminhar seguro de si, andando ereto, com os ombros para trás, rapidamente. Seu pai vira seu corpo para o carro, olha para Eric novamente por cima do ombro, buscando checar se está tudo bem com o filho, mas depois continua sua caminhada até o seu veículo.

O momento relatado é de extrema relevância e significado, já que o pai de Eric, apesar de se sentir inseguro e temer pelo sofrimento do filho, aceitou sua identidade e confiou nele, permitindo que ele seja quem é e vista-se da forma que deseja, abrindo mão do seu controle da situação, e afirmando o quanto seu filho é corajoso. Essa situação e a fala do pai com certeza tiveram um impacto extremamente positivo na construção da autoaceitação e segurança de Eric em relação a si próprio. Tanto é que, logo após a cena descrita, Eric consegue se impor com segurança quando Adam ameaça agredi-lo.

Adam

Em uma conversa com Eric, no episódio 6 da segunda temporada, Adam diz que sente medo em se assumir quanto à sua homoafetividade. Nessa mesma cena, quando Eric

pergunta se ele está bem e estende sua mão em direção à dele, Adam rapidamente afasta a mão de Eric, que diz: “*Não consegue nem segurar minha mão.*”. Este diálogo representa muito da insegurança de Adam diante de seus sentimentos e desejos.

A partir disso, é importante olharmos para o contexto familiar de Adam a fim de entendermos a influência que seu pai, principalmente, pode ter na aceitação da sexualidade de Adam. O pai, Michael Groff, sempre foi extremamente exigente com o filho, e em muitos momentos não acredita em seu potencial, pois Adam foi um dos alunos com pior desempenho na escola em que seu pai é o diretor. O fato é exemplificado quando um dos estudantes ganha uma competição de natação, Sr. Groff se direciona para a piscina do ginásio da escola para dizer que está muito orgulho desse estudante, e Adam, que está na arquibancada, focaliza a cena com a mão apoiando a cabeça e os cantos da boca levemente direcionados para baixo, pois o pai não sente o mesmo por ele.

Desse modo, ao longo de toda a narrativa, as autoras perceberam, em concordância com Teixeira et al. (2012) e Lima Silva et al. (2015), os quais dizem que a família de origem tem grande peso na autoaceitação do filho que assume sua orientação que não é heterossexual, que essa distante e rígida relação pode exercer forte influência na descoberta e aceitação da sexualidade de Adam. Além disso, Sr. Groff, na segunda temporada, demonstra muita irritação quando os alunos começam a receber uma melhor educação sexual através de Jean Milburn, mãe de Otis. Quando o pai de Adam via Jean no campus da escola, sempre franzia a testa e expressava raiva em seu rosto, inclusive por ter também sua esposa conversando com a terapeuta. Por meio de uma visão crítica dessas cenas, acreditamos que Sr. Groff tem a intenção de se manter em sua posição do homem conservador que não pode expressar vulnerabilidade, apenas sua força masculina e heterossexual. Infelizmente, essa posição o levou ao divórcio pedido pela mãe de Adam.

Além do mais, no último episódio da segunda temporada, os alunos apresentam um musical com diversas cenas eróticas, fato que pode ser antecipado pelo pôster de divulgação, o qual Eric diz que parece uma floresta cheia de pênis. É nesse episódio que vemos Adam se declarando à Eric no meio da peça, após uma conversa com sua mãe

sobre o divórcio dos pais, em que ela fala: “(...) *precisa fazer as pessoas que você ama saberem que você as ama, mesmo que isso lhe cause muita dor.*”. Essa fala, felizmente, podemos entender como acolhedora para Adam, fazendo com que ele se sentisse à vontade para assumir uma relação com Eric.

Entretanto, do outro lado, vemos que o pai de Adam não aceita a situação de forma compreensiva. Após Adam dizer à Eric que quer segurar sua mão, Michael encontra com o filho na coxia do espetáculo e expressa indignação, dizendo: “*Adam!*” em um forte tom de voz. A cena nos mostra, então, que Sr. Groff não aprova o ato de Adam. Na mesma noite, o diretor repudia também todas as cenas do musical, dizendo que Jean Milburn “(...) *vem dando conselhos sexuais e enchendo a cabeça dos jovens com coisas perigosas.*”. A continuação de sua fala vem com: “*Eles são crianças! Não sabem o que querem!*”. Por fim, acreditamos que o comportamento de Michael Groff influenciou fortemente a jornada do filho na descoberta de sua sexualidade.

***Bullying* homofóbico no contexto escolar**

É preciso também caracterizar as vivências de homens homoafetivos no contexto escolar. Casos de *bullying* homofóbico infelizmente não são incomuns neste contexto, e na escola de Ensino Médio Moordale, escola frequentada por Adam e Eric, não seria diferente. Como já mencionado, a relação entre Adam e Eric foi por muito tempo marcada por episódios de desrespeito e violência verbal, física e psicológica por parte do primeiro. Desde o início da série, é evidenciado o caráter homofóbico das falas e ações de Adam, que possuía como alvo principalmente um dos dois únicos homossexuais assumidos da escola, Eric. Cenas de violência como a descrita a seguir se repetem inúmeras vezes ao longo da interação dos dois personagens, revelando a complexidade do relacionamento entre os colegas.

A cena em questão desenrola-se no corredor da escola, onde Eric, caminhando sozinho, é abordado por Adam, que o empurra contra os armários. A familiaridade das reações de ambos os personagens indica o caráter corriqueiro desse tipo de episódio, que,

como descrito, permeia o relacionamento dos dois ao longo de toda a primeira temporada. Adam exibe comportamentos agressivos, como o uso de palavras de baixo calão, apelidos ofensivos, força física e tom de voz alto e ríspido. Adam manda Eric dar-lhe tudo que tem nos bolsos e na mochila, que entrega-lhe o conteúdo de seus bolsos e seu almoço. Não satisfeito, Adam ameaça Eric para dar-lhe também o chocolate que mantinha no fundo da mochila, o qual Eric acaba cedendo depois de um protesto vão. Ao final da cena, Adam ainda come o chocolate, fazendo bico, empurrando-o com o dedo para dentro da boca e sugando-o. Depois de engolir, Adam levanta as sobrancelhas, abre a boca e diz “ah!”, enquanto sustenta um olhar provocativo fixo em Eric. Posteriormente, chega perto do rosto de Eric e encosta a mão em seu rosto, em um misto de “tapa” com uma carícia forte. Ao longo de toda a cena, mesmo que aparentando já estar habituado a esse tipo de comportamento, Eric exibe reações de medo e frustração, além de submissão.

A relação conturbada dos dois personagens se deu inicialmente sobretudo no contexto escolar, ambiente em que a maioria das cenas de violência ocorria. Por esse motivo, é impossível desvincular este *bullying* homofóbico ao papel desempenhado pela escola. Para Foucault (1999), se tratando de uma microesfera de poder, essa instituição reproduz as ideologias dominantes, nas quais se incluem a heteronormatividade e a homofobia. A escola retratada na série em nenhum momento se posicionou para assegurar que esse tipo de comportamento violento não acontecesse em seu ambiente. Além de uma omissão aos casos de homofobia já existentes, é possível notar um despreparo por parte da escola para abordar o tema. Apesar de possuir aulas com o tema da sexualidade, o conteúdo era extremamente superficial, abordando apenas temas básicos, além de serem ministradas por um professor visivelmente despreparado para tratar de sexualidade com adolescentes. Por fim, é importante pontuar que o diretor da escola — e coincidentemente, pai de um dos *bullies*, Adam — desempenhando o papel de principal figura de poder da instituição, se mostra negligente com toda violência que nela se passa. Sua personalidade conservadora e ausente garante não só uma omissão por parte da instituição, mas também

a perpetuação da violência já observada em seus corredores, visto que não procura modificá-la.

Considerações finais

A partir do conteúdo articulado no presente artigo, a análise e discussão de cenas protagonizadas por dois personagens da série *Sex Education* permitiu a constatação de diferentes aspectos da experiência homoafetiva masculina durante a adolescência. Com vistas a investigar a maneira como tais vivências são atravessadas pela heteronormatividade e homofobia da sociedade em que os sujeitos vivem, a análise descrita no presente artigo acompanhou a trajetória dos dois personagens ao longo da trama, a fim de entender as dificuldades e barreiras sociais que perpassam os sujeitos na descoberta, construção e revelação da homoafetividade na adolescência.

O debate sobre como a homonegatividade expressa-se de diferentes formas na história dos personagens analisados suscita uma pertinente reflexão sobre as raízes estruturais desse comportamento. Para além da ficção, jovens que se descobrem homoafetivos encontram dificuldades de se sentirem acolhidos, e muitos vivem um processo de aceitação permeado por angústias, dúvidas, ansiedade, culpa e medo da rejeição - o que pode levá-los a reprimir sua homoafetividade. Nesse sentido, torna-se necessário olhar para o sofrimento psíquico desses sujeitos e compreendê-lo enquanto fruto da ideologia heteronormativa, cujos padrões e expectativas sociais atravessam as relações de poder estabelecidas nos contextos sociais em que os adolescentes estão inseridos.

A partir dessas discussões, viu-se necessário o afastamento de uma ótica que culpabiliza o sujeito a respeito das atitudes homonegativas. A análise da homonegatividade proporcionou a compreensão da sexualidade enquanto um dispositivo regulatório na construção das subjetividades. Dessa forma, infere-se como a constituição psíquica e subjetiva é atravessada e edificada pelos dispositivos e sistemas vigentes na ordem social.

Ao analisarmos os personagens com suas respectivas famílias, foi possível perceber a intensa presença do conservadorismo que, em certa medida, condena o que não está

dentro do padrão heteronormativo. Fora da trama, o tradicionalismo que envolve a heteronormatividade também está muito presente, o que faz com que a maioria das famílias não aceite a homoafetividade de seus filhos e, por vezes, exclua os mesmos do próprio círculo familiar.

No que diz respeito ao contexto escolar, a análise possibilitou a compreensão de que essa instituição social também é reprodutora da heteronormatividade. Ainda nesse sentido, apresenta-se o questionamento do porquê as ações homofóbicas que se dão nesse espaço não levam a nenhuma medida educativa que se posicione contra. Que as práticas de educação fora da ficção possam caminhar no sentido de informar os jovens a respeito das questões de gênero e sexualidade que foram discutidas no artigo.

A escrita do artigo permitiu realizar forte relação entre os comportamentos homofóbicos encenados e os que são vistos diariamente em nossa sociedade. Esse preconceito pode levar ao intenso sofrimento dos sujeitos, mas para além, também pode resultar na morte. Dados de 2019 do Grupo Gay da Bahia (GGB) permitem dizer que o Brasil registrou uma morte por homofobia a cada 23 horas no ano, fato que não pode ser desconsiderado nas discussões atuais a respeito do tema. Nesse sentido, uma importante data é a de 17 de maio, a qual representa o Dia Internacional Contra a LGBTQIA+fobia, mas muito fundamental é que essa conscientização e luta seja feita diariamente por todos os cidadãos para que a sociedade se veja livre desse preconceito.

A pesquisa sobre a descoberta e aceitação da homoafetividade durante a adolescência mostrou-se relevante para a trajetória de formação acadêmica e profissional das pesquisadoras, cujo interesse pela temática de gênero e sexualidade tornou-se mais profícuo a partir dos debates teóricos realizados sobre os objetivos propostos. A escolha da série *Sex Education* e o recorte temático sobre a vivência homoafetiva deu-se pelas questões LGBTQIA+ serem demandas sociais que enfrentam inúmeros desafios em razão do preconceito e da heteronormatividade vigentes na sociedade. A oportunidade de analisá-la sob a ótica dos estudos de gênero tornou a experiência de assisti-la ainda mais

frutífera, por proporcionar um olhar mais sensível aos conflitos relacionados à identidade e sexualidade abordados na ficção.

Durante a leitura das referências selecionadas, o grupo observou como as questões, terminologias, expressões e conceitos no campo de estudos do gênero estão em constante debate e construção. Na última década, abre-se espaço para discutir as diversas orientações sexuais a partir de novas formulações conceituais. Esse fato demonstra-se na análise do texto de Reis (2018) que, diferente de Oliveira (2010), confere uma compreensão mais diversa e ampla ao espectro da sexualidade e da identidade de gênero, afastando-se de uma visão binarista — preocupação que alimentou os debates para a realização deste artigo.

Ainda no que se refere ao debate teórico, encontrou-se poucos artigos que trouxessem a discussão sobre a homonegatividade. Os artigos analisados conferiam diferentes definições para esse comportamento e optou-se pelo uso do conceito apresentado por Teixeira et al. (2012), tendo em vista que as condutas observadas na trajetória dos personagens aproximavam-se daquilo proposto pelos autores. Isso aponta para a necessidade do debate sobre a homonegatividade ganhar espaço nas pesquisas que discutem os dispositivos regulatórios construídos pela homofobia e heteronormatividade e suas influências na construção da subjetividade.

O artigo desenvolvido aponta para a importância das narrativas cinematográficas e televisivas retratarem, de forma responsável e instigante, as demandas sociais vigentes a fim de combater tabus e estereótipos acerca da diversidade da sexualidade e de aproximar o público jovem desse debate. O trabalho também sinaliza a possibilidade da pesquisa em psicologia dialogar com recursos midiáticos para uma análise e compreensão acerca de atitudes e comportamentos expressados por personagens, já que a ficção é uma mentira que serve para nos contar verdades, como levanta a autora Elena Ferrante.

O estudo e análise sobre a temática permitem refletir sobre o dever do psicólogo em construir intervenções, independente de sua área de atuação, que combatam o preconceito e a homofobia. A compreensão da diversidade sexual enquanto uma condição humana

deve atravessar a formação do profissional e pautar sua atuação ética do cuidado ao Outro, no acolhimento dos sofrimentos decorrentes da heteronormatividade. Faz-se urgente debater sobre as diversas formas de expressão, identidade de gênero e orientação sexual para a construção de uma psicologia alicerçada no compromisso humanista e social.

Referências

- Amendola, M. F. (2014). História da construção do Código de Ética Profissional do Psicólogo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(2), 660-685.
- Campbell, J., Nunn, L., & Taylor, B. (Produtores Executivos). (2019-2021). *Sex Education* [série]. Eleven Films; Netflix.
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. (2019). A família e os papéis de gênero na adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 31, e168505. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>
- Cervený, M. de O. (2011). Família e... (Cap. 7, pp. 115-147). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Costa, M. C., Lopes, C. P. A., Souza R. P., & Patel B. N. (2001). Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, 77(2), 217-224. Recuperado de <http://www.jpmed.com.br/conteudo/01-77-s217/port.pdf>
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Atlas SA.
- Marola, C. A. G., Sanches, C. S. M., & Cardoso, L. M. (2011). Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*. ISSN 2175-3520, (33).
- Netflix Brasil. (2020, 23 janeiro). Pesquisa da Netflix revela o quanto a representatividade importa para jovens brasileiros [vídeo]. Youtube. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=M-EgOwH_Us0

- Oliveira, J. M. de (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & J. M. de Oliveira (Org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-42). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Reis, T. (org). *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. ISBN: 978-85-66278-11-8
- Rojas, E. B. (2019). Heteronormatividade escolar no México: Reflexões sobre a vigilância e punição da homossexualidade na escola. *Sexualidade, Saúde e Sociedade (Rio de Janeiro)*, (33), 180-199. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.10.a>
- Santos, W. B., & Dinis, N. F. (2018). Violência e risco de suicídio na construção de masculinidades adolescentes. *Cadernos Pagu* (52), e185218. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800520018>
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Teixeira, F. S. F^o., Rondini, C. A., & Bessa, J. C. (2011). Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. *Educação e Pesquisa*, 37(4), 725-741. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400004>
- Teixeira, F. S. F^o., Marretto, C. A. R., Santos, E. N. dos & Mendes, A. B. (2012). Homofobia e Sexualidade em Adolescentes: Trajetórias Sexuais, Riscos e Vulnerabilidades. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 16-33. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000100003>
- Weeks, J. (2014). The Theorisation of Sex. In J. Weeks, *Sex, politics, and society: the regulation of sexuality since 1800* (3rd ed., pp. 195-199). Routledge.